

EM TORNO DE TOYNBEE

João Ribeiro Júnior

Arnold Joseph Toynbee, propondo-se superar o relativismo histórico, apresenta, em sua principal obra **A Study of History**¹, uma visão sistemática da História das Civilizações, destacando suas etapas estruturais e desenvolvimento, que seriam comuns a todas elas, embasado nas origens providencialistas da meditação histórica cristã-ocidental.

A Study of History resultado de trabalho hercúleo de saber e erudição, foi publicado em 10 volumes, três dos quais, em 1934, outros três, em 1939 e os restantes depois da guerra. Em 1946, Somervell lançou um resumo² dos seus primeiros volumes, acrescentando novos elementos e comentários, devidamente aprovados por Toynbee. Em 1954, Toynbee publica os volumes finais, e Somervell os resume, publicando-os em 1957. Assim, pode-se dizer que o **A Study of History** e o **Abridgment** se completam.

Esta obra que aspira ser um estudo comparativo da ascensão, plenitude, decadência e desintegração das civilizações, abrange mais ou menos seis mil anos de História da Humanidade. O Autor, influenciado pela filosofia bergsoniana³ ao considerar o homem capaz de limitar o campo da Natureza, elaborando nele seu pensamento científico, manejou um enorme material sobre a base do qual coteja as diferentes culturas; o que lhe permitiu construir um método de estudo de casos particulares de cultura, embasado em dois fatores: o sistema industrial, que leva à subdivisão do trabalho, e a organização política democrática, que conduz ao nacionalismo, dentro de um sistema fundamentado nas conseqüências que derivam da comparação mesma, de onde tenta extrair um remédio

(1) Arnold J. Toynbee, **A Study of History**, London, Oxford University Press, 1934 – 1954. 10 volumes. **Estudio de la Historia**, Buenos Aires, Emecê Editores, trad. Jaime Perriau, 1953, 14 volumes.

(2) D. C. Somervell, **A Study of History by A. J. Toynbee, Abridgment of vols. I – IV**; *Ibidem*, vols. V – X, London, Oxford University Press, 1946 e 1957. **Um Estudo de História por Arnold J. Toynbee, Condensação** (1ª e 2ª parte) trad. e pref. de F. Vieira de Almeida, Lisboa, Editora Ulisséia Ltda., 1964.

(3) As obras de Bergson que exerceram influência em Toynbee foram: **A Evolução Criadora** e **As Duas Fontes da Religião e da Moral**.

para os males que, segundo ele, padece a civilização atual. Sua concepção da História é, portanto, salvacionista.

Para Toynbee, a História da Humanidade compreende, em sucessão e simultaneidade, vinte e uma culturas⁴, entendendo que uma das características da formação dessas culturas é o desejo de realizar um Estado Universal. Para tanto, três fatores marcam a transição da antiga à nova civilização: em primeiro lugar, um Estado Universal, fase final da velha sociedade; por segundo, uma Igreja engendrada nesta velha sociedade, e por sua vez, engendrando uma nova; e em terceiro, a introdução caótica de uma idade heróica bárbara. Destes três fatores, o segundo é o mais importante, e o terceiro menos significativo.

Destarte, o estudo da História para Toynbee consiste no conhecimento da unidade estrutural das civilizações, graças ao qual podem patentear-se sua significação e seu objetivo. E o meio para se alcançar tal fim é, na sua opinião, o estudo comparativo de todas as civilizações ou comunidades, passadas e presentes.

Toynbee apresenta-se, assim, como um historiador empírico (como a si próprio reconhece) e seu empirismo não difere muito da intuição mística. Ele procura reconciliar o divino e o humano; a ciência empírica e a teologia.

A História da Humanidade, segundo esta visão, não se processa em linha reta, e sim consiste em uma série de civilizações, cada uma das quais nasce, cresce, e depois entra em decadência e, finalmente, perece. A História de todas as civilizações, que percorreram o caminho completo do desenvolvimento, é marcada por fases semelhantes. Assim, pode-se compreender o passado, e também prever o futuro das civilizações que ainda não completaram seu ciclo vital. Para Toynbee, portanto, a História é a um tempo cíclica e espiritualista; daí sua crítica ao fatalismo spengleriano⁵.

Toynbee vê o homem como o fato gerador do ciclo histórico, e não como simples instrumento da fatalidade, mas por outro lado, praticamente desconhece a relação entre o historiador e a História. Para

(4) Toynbee, emprega o termo "cultura" no sentido de "sociedade civilizada", contrariamente a Spengler, para quem "cultura" significa todo um âmbito cultural (Kulturkreis). Para ele, apenas cinco culturas estão ainda vivas: a Ocidental, a Ortodoxo-Bizantina, a Islâmica, a Hindu, e as do Extremo-Oriente.

(5) Ele despreza a concepção de Spengler por ser uma concepção organicista. E mais: enquanto Toynbee reconhece a nossa civilização filiada à cultura helênica, sobre a qual se fundou: Spengler entende que a nossa civilização não tem nenhum parentesco greco-romano.

ele, o historiador seria mero espectador da História, e não elemento integrante.

Como quer que seja, sua contribuição maior ao estudo da História foi a criação da teoria do “desafio-resposta” (challenge and response), que corresponde ao estímulo e resposta no individual. Desafiado pelo ambiente geográfico ou histórico, um povo responde, aceitando este desafio, vencendo os obstáculos.⁶

Deste prisma, as civilizações desaparecem porque se suicidam, e não devido à morte natural, morte violenta ou destruição súbita. Entende Toynbee que uma civilização entra em declínio quando ela já não tem respostas eficazes às exigências do desafio; quando se torna impotente para afirmar-se em sua autodeterminação e fixar a meta de sua própria ação.

Toynbee, sugerindo novo método e apregoando novas normas, é tão pessoal quanto procura ser objetivo. Daí ser sua filosofia progressista e esclarecida.

Como nota José Honório Rodrigues, “desagrada-lhe as renascenças, as imitações, as caricaturas, as recorrências históricas. É contra as discriminações raciais, rejeita as idolatrias; é irreverente, acredita na liberdade individual; opõe-se a uma visão histórica centralizada na Europa; e condena o Ocidente como agressor perpétuo”⁷.

Contudo, podemos perguntar: é legítimo ou proveitoso dividir em pedaços a História, denominá-los “civilizações” e logo a seguir considerá-los como expressões autônomas e independentes de leis gerais? Os fragmentos constituem, realmente, expressões diferentes de uma espécie?

Sim, se se considerar que a obra de Toynbee representa, como ensina Collingwood, “uma nova exposição do positivismo histórico (...). Os princípios que formam a individualidade dessa obra são princípios derivados da metodologia das ciências naturais. Estes princípios baseiam-se na concepção e relações externas. O estudioso das ciências naturais encontra-se perante fatos isolados e distintos que podem ser contados; ou então separa os fenômenos que se lhe deparam em tais fatos contáveis e distintos. Depois passa a determinar as relações entre eles, sendo sempre estas relações elas a ligar um fato a outro, exterior a ele. Um conjunto de fatos assim ligados forma, novamente, um só fato, cujas relações com

(6) A teoria “desafio-resposta” coincide com as recentes análises feitas por etnólogos e sociólogos dos efeitos estimulantes nascidos do contato de culturas.

(7) José Honório Rodrigues, *História e Historiografia*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1970, p. 223.

outros da mesma ordem são da mesma espécie externa. Se os métodos do cientista devem resultar mesmo, a primeira coisa a fazer é traçar uma linha bem nítida, separando um fato de outro. Não pode haver justaposição”.⁸

Não obstante, a teoria da ascensão e dispersão das civilizações apresentada por Toynbee, também tem suas falhas. Muitas críticas foram levantadas, principalmente, sob o ponto de vista metodológico.

Patrick Gardiner menciona duas delas: “Em primeiro lugar tem-se objetado que o método de Toynbee de identificar as civilizações que constituem o objeto principal de sua investigação não é independente dos paralelismos por ele subsequente encontrados entre os seus cursos subsequentes. Assim, parece que algumas das divisões por ele estabelecidas entre civilizações temporariamente adjacentes são determinadas por reflexões acerca de que curso deve uma civilização seguir para poder ser devidamente denominada “civilização”; e, ao proceder assim, as conclusões obtidas sobre os caminhos idênticos trilhados por sociedades diferentes de modo algum representam achados fatuais importantes baseados em observações empíricas, antes se limitam a refletir o método de classificação inicialmente usado. Em segundo lugar, tem-se apontado que, pelo menos nos seus últimos volumes, Toynbee parece por vezes sugerir que as sociedades são os agentes ou instrumentos de objetivos que lhe são exteriores: pergunta, por exemplo, se os ‘estados universais’ são ‘fins em si próprios’ ou meios para algo que está para além deles’. Levantar perguntas deste tipo implica, contudo, uma mudança radical de terreno; é impossível solucioná-las recorrendo somente aos elementos fornecidos pela investigação e pela pesquisa histórica e, todavia foi essa, aparentemente, a atitude em que Toynbee inicialmente confiou para a sua obra.”⁹

Por seu turno, Marrou objeta que Toynbee “não conseguiu, como ele próprio esperava, formular as leis específicas do fenômeno ‘civilização’. Analisa com finura e segurança certos aspectos do processo histórico apurando, se se quiser ‘leis’ do comportamento humano, mas os esquemas de conduta, os elementos de curva desenhados mostram-se susceptíveis de ser aplicados em escalas diferentes a fenômenos históricos de amplitude variável e não são, portanto, característicos do desenvolvimento das civilizações”.¹⁰

(8) R.G. Collingwood, *A Idéia de História*, Lisboa, Ed. Presença, trad. Alberto Freire, s.d., p. 253.

(9) Patrick Gardiner, *Teorias da História*, Lisboa, Fundação Calouste-Gunbenkian, trad. Vitor Matos e Sá, 1969, p. 245.

(10) H. I. Marrou, *Do Conhecimento Histórico*, Lisboa, Ed. Aster, trad. Ruy Belo, s. d., pp. 185 – 186.

Por outro lado, uma vez que as teorias toynbeeanas são diametralmente opostas à concepção materialista da História, os marxista-leninistas fazem ferina crítica quanto aos seus conceitos, e mesmo, ao seu estilo que chamam de “apocalíptico”.

Em última análise, **A Study of History** é um dos trabalhos de síntese histórica mais importante dos nossos tempos. Nele Toynbee demonstra que a religião, a crença, o conhecimento intuitivo de Deus, e a comunhão com Ele, é o objetivo final da História. E assim, esquematizando o problema da origem e da morte das civilizações, dentro de um espírito a um tempo científico e religioso, propõe uma teoria salvacionista embasada na religião católica, preconizando, como solução às profundas crises internas e externas da civilização ocidental, uma nova “Civitas Dei”, onde as sociedades ecumenicamente integradas poderão escapar aos conflitos desintegradores, sob o reinado de Cristo crucificado.